

**Encontro, memória e conversa:
o consumo de cultura no Tapajós a partir do Porão Centro Cultural**

*Gathering, memory, and dialogue:
cultural consumption in Tapajós from the Porão Centro Cultural*

Elis Cristina Pantoja MONTEIRO¹
Izabelly Cruz Diniz MARTINS²
Manuela do Corral VIEIRA³

Resumo

O estudo tem como objetivo analisar o Porão Centro Cultural como espaço de mediação cultural na Amazônia urbana, investigando de que modo suas práticas literárias, curatoriais e itinerantes contribuem para a produção de sentidos, o fortalecimento do pertencimento e o exercício da cidadania em Santarém (PA). Justifica-se pela necessidade de compreender iniciativas culturais independentes em contextos amazônicos, frequentemente invisibilizados, reconhecendo o consumo cultural como prática simbólica situada. O trabalho fundamenta-se nas contribuições de Jesús Martín-Barbero, Livia Barbosa e João de Jesus Paes Loureiro, articulando cultura, consumo, mediação simbólica e territorialidade. Conclui-se que o Porão atua como território de diálogo, consolidando-se como agente de valorização das narrativas locais e de ampliação do acesso à cultura como dimensão constitutiva da vida social.

Palavras-chave: Consumo. Comunicação. Cultura.

Abstract

The study aims to analyze the Porão Cultural Center as a space for cultural mediation in urban Amazonia, investigating how its literary, curatorial, and itinerant practices contribute to the production of meaning, the strengthening of belonging, and the exercise of citizenship in Santarém (PA). It is justified by the need to understand independent cultural initiatives in Amazonian contexts, which are often invisible, recognizing cultural consumption as a situated symbolic practice. The work is based on the contributions of

¹ Graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPA). Bolsista de Iniciação Científica (FAPESPA/UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFPA). E-mail: euelismonteiro@gmail.com

² Graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFPA). E-mail: izadimartins12@gmail.com

³ Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom/UFPA). Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFPA). E-mail: mcorral@ufpa.br

Jesús Martín-Barbero, Livia Barbosa, and João de Jesus Paes Loureiro, articulating culture, consumption, symbolic mediation, and territoriality. It concludes that Porão acts as a territory of encounter consolidating itself as an agent for the valorization of local narratives and the expansion of access to culture as a constitutive dimension of social life.

Keywords: Consumption. Communication. Culture.

Introdução

A cultura, como elemento basilar na formação do indivíduo e no exercício da cidadania, funciona como molde de qualquer sociedade, estabelecendo uma relação íntima com a comunicação, pois é por meio deles que valores, hábitos e modos de perceber o mundo circulam e se transformam. A comunicação, ao interferir nos modos de interação social, tem impacto direto nas práticas habituais, estando inserida nelas, e contribui para a formação de cidadãos mais conscientes de seus papéis na esfera pública, já que possibilita que diferentes vozes disputem sentidos e construam referências comuns. Jesús Martín-Barbero, antropólogo e filósofo colombiano, diz a respeito da relação entre os dois:

Pensar os processos de comunicação a partir da cultura implica deixar de pensá-los desde as disciplinas e os meios. Implica a ruptura com aquela compulsiva necessidade de definir a ‘disciplina própria’ e com ela a segurança que proporcionava a redução da problemática da comunicação à dos meios. (...) Por outra parte, não se trata de perder de vista os meios, senão de abrir sua análise às mediações, isto é, às instituições, às organizações e aos sujeitos, às diversas temporalidades sociais e à multiplicidade de matrizes culturais a partir das quais as meios-tecnologias se constituem. (Martín-Barbero, 1985. p. 10).

Nesse momento, Martín-Barbero explicita uma ruptura entre a comunicação e seus “meios”, deixando evidente que reduzir a comunicação às materialidades que a viabilizam empobrece a compreensão do fenômeno comunicacional, revelando que ela é, antes de tudo, um processo cultural que atravessa as práticas sociais e os sujeitos de forma intrínseca. É nesse terreno, em que produção simbólica e práticas comunicativas se entrelaçam, evidenciando como a comunicação participa ativamente da constituição dos indivíduos. Os espaços mediadores de cultura, em qualquer comunidade contemporânea, funcionam como uma ponte entre o sujeito e o universo que o forma, fortalecendo processos de cidadania e deixando possível compreender a cultura como um conjunto de experiências que moldam a formação pessoal, considerando que cada indivíduo possui

suas particularidades e modos próprios de significar o mundo e interpretá-lo. Nesse percurso, a participação em práticas culturais, inclusive na forma de apropriação e elaboração de si, aparece como um processo de assimilação simbólica que incide tanto na maneira como cada pessoa interpreta a realidade quanto na forma como elabora sua presença no tecido social.

No âmbito da literatura, é essencial destacar que esses espaços são recursos capazes de oferecer amparo cultural (Queiroz, 2006) diante das múltiplas desigualdades sociais, políticas e educacionais que atravessam determinadas realidades e, nesse momento, bibliotecas e projetos comunitários que incentivam a leitura se configuram como ambientes de circulação e descoberta de conhecimento. À luz das reflexões expostas anteriormente acerca das articulações entre cultura e mediações comunicativas, compreendemos que experiências culturais, com frequência, materializam-se em espaços coletivos de acesso e troca de saberes, se mostrando importantes quando desenvolvidos de forma comunitária.

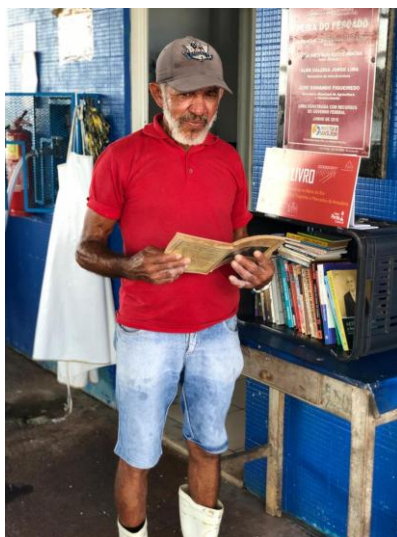
O título do estudo destaca os elementos “Encontro, Memória e Conversa”, em referência à fala de Ericson Aires, Aires (2026), criador do Porão Centro Cultural, em entrevista realizada pelas autoras. Aires é geógrafo e agente cultural, idealizador de um projeto independente surgido em 2007, inicialmente como sebo e espaço de circulação de livros. O Porão tem sua origem em Belém (PA), onde surgiu, em outubro do ano, como o Sebo Porão Cultural, uma pequena banca independente voltada à circulação de livros usados. Desde o início, o projeto se orientou pela ideia de que o livro deveria circular, compreendido não apenas como objeto material, mas como dispositivo de encontro, memória e acesso à cultura. Esse processo se fortaleceu com a criação do projeto “Roda Livro – Literatura Nômade”, que levou a leitura para ruas, feiras, mercados e espaços públicos de Santarém, ampliando o alcance da literatura para além dos circuitos institucionais tradicionais (imagem 1).

Imagem 1 - Sebo Porão Cultural antigamente



Fonte: Acervo Porão Cultural

Imagem 2 - Roda Livro no Mercado de Peixe



Fonte: Acervo Porão Cultural

Atualmente, o Porão desenvolve, em Santarém, uma rede de espaços e projetos culturais, entre os quais se destacam a Biblioteca Comunitária do Porão (imagem 3), o Museu Ribeirinho da Palavra e da Memória, o Roda Livro e o Caboclo Leitor (imagem 4). Essas iniciativas operam tanto em um espaço físico fixo, localizado na Rua 24 de Outubro, via historicamente significativa para a cidade, quanto de forma itinerante, alcançando mercados, orlas, bairros periféricos e comunidades ribeirinhas. Em Belém, o

projeto mantém ainda o Sebo Porão Cultural, em parceria com o Tuy Cultural⁴, configurando uma atuação em rede que conecta diferentes territórios urbanos amazônicos.

Imagem 3 - Biblioteca Comunitária do Porão Centro Cultural



Fonte: Acervo Porão Cultural

Imagem 4 - Caboclo Leitor em ação no Residencial Salvação



Fonte: Acervo Porão Cultural

⁴ O Tuy Cultural é um espaço cultural localizado em um casarão histórico na cidade de Belém, que abriga programações artísticas, musicais e gastronômicas voltadas à valorização da cultura amazônica.

Distinguindo-se por sua atuação contínua na valorização das expressões amazônicas e por meio de exposições e manifestações, o espaço se consolida como um pólo de vivência cultural e de preservação da memória regional, ampliando o acesso ao conhecimento e fortalecendo redes comunitárias voltadas à arte e à educação. Nesse cenário, o Porão emerge como um exemplo de mediação simbólica, consolidando práticas culturais no cotidiano das comunidades em que ele atua. Ao transformar o acesso à livros e o consumo de cultura, o projeto atua como um elo entre o indivíduo e suas matrizes culturais, permitindo que a comunicação (Barbero, 1985) se realize como processo vivo, enraizado nas histórias e expressões que estão ali presentes. Dessa forma, disponibilizando acervos e atividades, ele amplia possibilidades de participação cultural, reafirmando a centralidade da cultura como formadora e articuladora das relações sociais e da formação de indivíduos.

Diante das informações expostas, o trabalho está orientado como um estudo de caso do Porão Centro Cultural, considerando seu contexto histórico e sua ambientação como elementos focais de análise. Tendo como objetivo investigar a presença e a valorização cultural como recursos formadores de opinião intrínsecos às práticas comunicacionais e ao exercício da cidadania, é utilizado como referencial teórico o conceito de Sociedade do Consumo de Livia Barbosa (2004; 2006), visando compreender como o que o indivíduo consome molda percepções culturais e modos de pertencimento social; João de Jesus Paes Loureiro (1995), destacando a centralidade da oralidade, da memória e do imaginário na constituição da cultura amazônica, aspectos que dialogam diretamente com as práticas literárias promovidas pelo Porão Centro Cultural; Além disso, serão utilizadas teorias de Jesús Martín-Barbero (1985) sobre cultura, buscando entender os processos de mediação cultural que transformam espaços como o Porão em ambientes de produção de sentidos e fortalecimento da experiência cidadã em diálogos comunitários.

A investigação concentrar-se-á nas instalações em Santarém e nas iniciativas culturais delas resultantes, com atenção especial aos efeitos produzidos no contexto. Além disso, a realização do estudo é impulsionada pela participação prévia de uma das autoras na criação da identidade gráfica da marca do Museu Ribeirinho da Palavra e da Memória, o que garante um contato já construído e favorece a aproximação com os sujeitos envolvidos. A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, tendo como estratégia metodológica o estudo de caso do Porão Centro

Cultural, espaço cultural independente localizado na cidade de Santarém (PA). A escolha desse método justifica-se pela possibilidade de compreender, de forma aprofundada às dinâmicas simbólicas, territoriais e culturais que atravessam as práticas desenvolvidas pelo projeto, considerando suas especificidades históricas, sociais e territoriais no contexto amazônico. Os procedimentos de coleta de dados incluem pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se em autores que discutem cultura, consumo cultural, cultura material, mediação simbólica e território, com especial atenção às contribuições teóricas que abordam a cultura na Amazônia. A análise documental contempla materiais institucionais do Porão Centro Cultural, como manifestos, registros de ações, publicações em redes sociais e documentos produzidos pelo próprio projeto, os quais auxiliam na compreensão de sua trajetória, princípios e formas de atuação.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com três sujeitos diretamente envolvidos nas atividades do Porão Centro Cultural, selecionados a partir de sua relevância para o objeto de estudo. São eles: Ericson Aires, já citado anteriormente, criador do Porão Centro Cultural; Patrícia Santana, coordenadora do espaço em Santarém; e Alan Pessoa, curador da exposição sobre a Rua 24 de Outubro, com o objetivo de compreender diferentes perspectivas sobre a concepção, gestão, mediação cultural e práticas curatoriais relacionadas ao Porão, bem como suas articulações com o território urbano e ribeirinho. O roteiro das entrevistas foi elaborado a partir do consumo cultural, permitindo flexibilidade para que os entrevistados desenvolvessem suas narrativas, ao mesmo tempo em que garantiu a comparabilidade entre os depoimentos. As falas foram analisadas por meio de análise interpretativa, buscando identificar recorrências, sentidos atribuídos às práticas culturais e relações estabelecidas entre cultura, território e pertencimento comunitário. Por fim, a pesquisa respeita os princípios éticos da investigação científica, assegurando o consentimento dos participantes quanto ao uso de seus depoimentos para fins acadêmicos.

Territorialidades culturais e mediações simbólicas na Amazônia urbana

A compreensão dos fenômenos culturais na Amazônia exige um olhar voltado às condições históricas, geográficas e sociais que moldam as práticas culturais na região. Diferentemente dos grandes centros urbanos, os processos de criação e difusão cultural

amazônicos se desenvolvem em contextos marcados por distâncias extensas e infraestruturas desiguais, formas singulares de ocupação do território que implicam dinâmicas próprias de produção simbólica e de organização dos agentes culturais. Assim, torna-se fundamental considerar como os espaços culturais independentes se articulam com o território e com os modos de vida locais, assumindo papéis que extrapolam a função de simples locais de fruição artística e, frequentemente, atuando como mediadores entre diferentes temporalidades, territorialidades e circuitos culturais, possibilitando a emergência de práticas híbridas e fluxos alternativos de circulação cultural, que dialogam com o contexto urbano e com as realidades ribeirinhas e periféricas da região.

O presente estudo parte do entendimento de que a Amazônia apresenta especificidades territoriais que influenciam diretamente as formas de circulação e consumo da cultura. Além disso, a dinâmica fluvial e a relação entre cidade e rio configuram territorialidades próprias, nas quais a circulação cultural ocorre por fluxos distintos daqueles observados em contextos urbanos metropolitanos. Nesse sentido, o Porão pode ser compreendido como um agente que opera dentro dessas lógicas amazônicas, promovendo uma cultura que se constrói entre o fixo e o móvel, entre o urbano e o ribeirinho, em um movimento próximo ao que Deleuze e Guattari (1980) conceituam como processos de desterritorialização e reterritorialização.

A delimitação do campo empírico da pesquisa direciona a análise para o contexto urbano de Santarém, compreendido como um espaço atravessado por múltiplas camadas comunicacionais e, à luz das contribuições de Martín-Barbero (1985), interessa observar como as mediações culturais se constituem no cotidiano da cidade, articulando sujeitos em um território marcado por fluxos específicos de circulação cultural. Nesse quadro, a cultura deixa de ser entendida como produto ou evento e passa a ser analisada como processo, no qual as experiências compartilhadas e os vínculos comunitários produzem sentidos e formas de pertencimento social. As práticas promovidas pelo Centro Cultural evidenciam como esses objetos circulam entre diferentes espaços da cidade, ativando memórias, afetos e narrativas locais, em diálogo com a oralidade e o imaginário, produzindo formas singulares de comunicação e participação cultural, revelando processos de apropriação simbólica que se constroem na relação direta entre espaço, experiência e cotidiano.

Ao tratar das dinâmicas culturais da cidade, é fundamental compreender o conceito de singularidade não como um marcador de exceção ou isolamento, mas como

uma expressão das formas particulares pelas quais cada contexto cultural participa de processos sociais mais amplos. A singularidade, nesse sentido, não se opõe ao coletivo nem à ideia de compartilhamento, mas refere-se aos modos específicos pelos quais práticas, valores e experiências são apropriados e ressignificados pelos sujeitos, variando a depender de onde se fala. Portanto, deve-se considerar que, em meio a um singular que é coletivo, tudo é singular e as mediações culturais operam justamente nesse entrelaçamento entre estruturas sociais mais amplas e experiências vividas, revelando que toda cultura produz indivíduos a partir de combinações e referências materiais e simbólicas próprias. Reconhecer a singularidade das práticas culturais analisadas não implica em concebê-las “diferentes do resto”, mas como manifestações de processos culturais universais que se realizam de maneiras distintas em cada território. A oralidade e o imaginário constituem matrizes que atravessam diferentes culturas (Paes Loureiro, 1995), assumindo configurações próprias sem perder sua dimensão relacional. Dessa forma, o singular é entendido como a expressão concreta da diversidade cultural, revelando como cada contexto elabora seus sujeitos a partir de arranjos específicos, sem que isso implique hierarquização ou isolamento em relação a outras experiências culturais.

As construções narrativas que emergem do tecido social podem acentuar a presença e as relações entre os sujeitos que habitam o território, incorporando suas experiências e formas de perceber o mundo. Na realidade amazônica, o vínculo intenso com a natureza constitui um elemento estruturante na conformação das identidades no plano pessoal e no coletivo (Carneiro, 2003), influenciando modos de interpretar a realidade. Assim, os processos comunicacionais assumem caráter representativo, impregnados de sentidos culturais que expressam saberes compartilhados. Os sujeitos são continuamente constituídos nas interações com o espaço que ocupam, sendo atravessados pelas condições sociais, ambientais e simbólicas que se manifestam de maneira diversa e particular em cada contexto de vida.

Interpretar a existência coletiva na Amazônia exige atenção aos modos pelos quais as relações interpessoais se organizam e se expressam por meio de práticas simbólicas compartilhadas (Silva; Costa, 2024) e os vínculos estabelecidos no cotidiano, atravessados por saberes tradicionais e experiências comuns, constituem um campo comunicacional no qual circulam significados que orientam comportamentos, valores e formas de pertencimento. Essas interações revelam que o convívio social se constrói em

processos sensíveis de troca, nos quais a cultura atua como mediadora das relações entre os sujeitos e o território. É nesse entrelaçamento que se delineiam formas próprias de sociabilidade, marcadas pela adaptação ao espaço, pela memória coletiva e pela reinvenção constante dos modos de viver. Compreender tais processos permite reconhecer a complexidade das relações sociais na região, evidenciando como a vida em comunidade é continuamente produzida e ressignificada a partir das interações simbólicas que permeiam o cotidiano.

Partindo desse entendimento, é possível afirmar que toda prática social é atravessada por processos expressivos (Silva; Costa, 2024), uma vez que agir em sociedade implica, inevitavelmente, estabelecer algum tipo de troca simbólica com o outro. As interações humanas se estruturam a partir de gestos, discursos, performances e objetos que produzem sentidos e tornam possível o reconhecimento mútuo entre os sujeitos, em uma ação situada, orientada pela intenção de compartilhar e negociar significados no interior da vida coletiva. As atividades desenvolvidas pelo Porão operam como práticas comunicativas que favorecem o encontro construção de laços sociais, transformando o espaço em um ponto de convergência de afetos e memórias, se consolidando como um ambiente de sociabilidade, no qual a comunicação se realiza por meio de ações que fortalecem o sentimento de pertencimento e a experiência coletiva.

Nesse horizonte analítico, a cultura pode ser entendida como um campo de leitura dos significados produzidos socialmente, no qual o interesse central reside em decifrar os sentidos atribuídos às práticas humanas. Trata-se de um saber voltado à interpretação dos símbolos, das narrativas e dos comportamentos que estruturam a vida cotidiana, reconhecendo que cada ação carrega camadas de significado elaboradas a partir das experiências históricas e sociais dos sujeitos. Assim, compreender a cultura implica observar como os indivíduos constroem inteligibilidade sobre o mundo que os cerca, organizando suas percepções e orientando suas formas de agir. Os sujeitos traduzem a realidade continuamente por meio de esquemas simbólicos que lhes permitem atribuir valor, emoção e coerência às experiências vividas. Essa constante atribuição de significado revela a dimensão interpretativa da vida cultural, na qual o mundo social é permanentemente recriado a partir das referências compartilhadas que orientam a compreensão da existência comum.

Atuação cultural, gestão e práticas cotidianas do Centro Porão Cultural

Assim, torna-se possível compreender o Porão Centro Cultural como um agente que atua na contramão de processos homogeneizantes que tendem a invisibilizar especificidades amazônicas como a logística de transporte. A entrevista com Patrícia Santana, coordenadora da sede em Santarém, foi realizada com o objetivo de aprofundar o entendimento sobre os processos desenvolvidos pelo Centro, bem como identificar os sentidos atribuídos às práticas culturais no cotidiano do espaço. Buscou-se compreender de que maneira as ações do projeto dialogam com as especificidades sociais e culturais do contexto amazônico, contribuindo para o fortalecimento de vínculos comunitários, para a valorização das identidades locais e para a ampliação do acesso à cultura como prática formadora e cidadã.

A organização do Porão Centro Cultural, conforme relatado por sua coordenação, estrutura-se a partir de uma lógica funcional enxuta e integrada, na qual diferentes iniciativas, biblioteca comunitária, museu e projetos itinerantes, não operam de forma compartimentalizada, mas como um sistema articulado de mediação cultural. Essa configuração evidencia um modelo de gestão baseado na multifuncionalidade dos agentes culturais e na circulação contínua entre espaços fixos e ações móveis, característica de projetos culturais independentes em contextos amazônicos, nos quais a escassez de recursos institucionais é compensada por arranjos colaborativos e estratégias de adaptação territorial.

A localização do Porão na Rua 24 de Outubro emerge, também, como dimensão constitutiva de sua atuação cultural. Inserido em uma área de intensa circulação cotidiana, próxima a praças, escolas, feiras e ao rio Tapajós, o espaço articula fluxos urbanos, ribeirinhos e comunitários, convertendo-se em ponto de encontro entre diferentes temporalidades, classes sociais e gerações. Essa inserção territorial reforça a compreensão da cidade como sistema de consumo coletivo (Castells, 1974), no qual equipamentos urbanos, como bibliotecas, centros culturais e museus operam como mediadores do acesso a bens simbólicos e da produção de vínculos sociais.

A experiência do Museu Ribeirinho da Palavra e da Memória (imagem 5), situado no interior do Porão, explicita essa dimensão ao articular processos colaborativos de construção curatorial com moradores do entorno, que contribuem com fotografias, relatos e memórias pessoais. Tal dinâmica desloca a lógica tradicional da musealização,

frequentemente centrada em narrativas oficiais, para uma perspectiva situada e comunitária, na qual a memória urbana se constrói a partir da experiência vivida e da oralidade (Paes Loureiro, 1995) ao tratar das matrizes simbólicas amazônicas. A recorrência de interações afetivas dos moradores com a exposição, ao buscarem reconhecer suas próprias histórias no acervo, revela como o espaço atua como dispositivo de pertencimento e reinscrição simbólica do território.

Imagem 5 - Exposição Memórias da Alegria



Fonte: Acervo Porão Cultural

No que se refere às formas de apropriação do público, observa-se que o Porão opera como um verdadeiro equipamento de cultura ao promover experiências coletivas de fruição que extrapolam a lógica individualizada do consumo cultural (imagem 6). As atividades desenvolvidas⁵ mobilizam públicos diversos, atravessando gerações e produzindo situações de encontro entre sujeitos que, em muitos casos, não disporiam de outros espaços de acesso à cultura. Essas práticas configuram um modelo de consumo cultural (Canclini, 1995), no qual o valor simbólico não reside apenas no objeto cultural em si, mas na experiência compartilhada, nos afetos mobilizados e nas redes de sociabilidade ativadas.

⁵ Rodas de conversa, saraus, sessões de cinema, encontros literários.

Imagem 6 - Evento no Porão Centro Cultural



Fonte: Acervo Porão Cultural

Além disso, o Porão se consolida como espaço de permanência, e não apenas de passagem, ao possibilitar que os sujeitos permaneçam, dialoguem, leiam, convivam e produzam cultura de forma coletiva. Essa permanência cotidiana revela a função do espaço enquanto mediador de vínculos sociais e culturais, reforçando seu papel como território simbólico de convivência urbana. Ao retomar sua própria origem como espaço disponível para artistas e sujeitos sem acesso a circuitos institucionais formais, como revelado por Patrícia Santana, o Porão reafirma uma vocação histórica de acolhimento, circulação e produção cultural descentralizada.

No campo da gestão cultural, as dificuldades financeiras relatadas, decorrentes da escassez de políticas públicas contínuas e de mecanismos estruturados de fomento, revelam as condições materiais precárias que atravessam a sustentação de equipamentos culturais independentes na Amazônia. O Porão não conta com patrocínios privados permanentes nem com políticas públicas contínuas de fomento, o que faz com que sua sustentação dependa, em grande medida, de esforços individuais e de recursos próprios de seu idealizador, Ericson Aires. Essa condição evidencia a personalização da responsabilidade pela manutenção de um equipamento cultural que cumpre funções públicas, como o acesso à leitura, à memória e à cultura. Ao longo de sua trajetória, essa instabilidade financeira já resultou, inclusive, no fechamento temporário do espaço em determinados períodos, demonstrando como a ausência de financiamento estruturado compromete a sustentabilidade de iniciativas culturais que operam fora dos circuitos institucionais consolidados. A experiência relatada em uma comunidade de terra caída,

onde uma moradora teve acesso a um livro pela primeira vez em sua própria casa, evidencia a potência dessas práticas como formas de enfrentamento das desigualdades simbólicas e espaciais que estruturam o território amazônico, reafirmando a cultura como direito e como dimensão constitutiva da cidadania.

As ações do Porão operam como dispositivos de mediação simbólica, nos quais objetos culturais, livros, fotografias, registros de memória produzem sentidos, vínculos e formas de reconhecimento coletivo. Assim, ele atua como agente de construção identitária e territorial, fortalecendo redes locais de criação cultural e contribuindo para a reinscrição simbólica da Amazônia urbana a partir das experiências vividas dos seus próprios sujeitos. A entrevista com Alan Pessoa, curador da exposição sobre a Rua 24 de Outubro realizada no Centro, teve como objetivo compreender os processos curatoriais envolvidos na construção da narrativa expositiva, bem como suas articulações com memória urbana, território e mediação cultural no contexto amazônico. Suas falas permitem analisar a exposição não apenas como produto estético, mas como prática cultural situada, que articula comunicação, memória e experiência cotidiana (Barbero, 1987) ao compreender a cultura como espaço privilegiado de produção de sentidos e mediações sociais.

A proposta curatorial estruturou-se a partir da compreensão da Rua 24 de Outubro como território vivido, atravessado por experiências cotidianas, memórias afetivas e práticas culturais locais. A construção da narrativa expositiva ocorreu por meio de processos de escuta comunitária, coleta de relatos orais, fotografias e acervos pessoais, deslocando o foco de uma história urbana institucionalizada para uma memória situada e compartilhada. Essa abordagem evidencia a centralidade da mediação cultural como prática de articulação entre sujeitos, objetos e territórios (Barbero, 1987) ao enfatizar que os sentidos se produzem nos atravessamentos entre comunicação, cultura e vida cotidiana, e não apenas nos dispositivos formais de difusão simbólica.

A relação entre espaço urbano, território e cultura imaterial emerge, assim, como eixo estruturante da exposição, ao articular práticas sociais, memória e cotidiano. A rua é compreendida não apenas como via física, mas como espaço de circulação simbólica, consumo cultural e produção de vínculos sociais (Barbosa, 2004). Nesse contexto, a exposição transforma o espaço urbano em objeto de fruição cultural e reflexão coletiva, deslocando a lógica mercadológica do consumo para uma experiência simbólica compartilhada. A parceria com o Porão Centro Cultural foi central para esse processo, ao inserir a exposição em um espaço reconhecido como organização sociocultural e

instrumento de formação cidadã. Essa inserção ampliou a mediação com o público, favorecendo interações espontâneas, trocas afetivas e processos de identificação que extrapolam a lógica institucional da visitação formal, configurando a experiência expositiva como prática relacional, dialógica e comunitária, alinhada às concepções de comunicação desde a cultura (Barbero, 1987). Por fim, a exposição evidencia o papel das práticas curatoriais na ressignificação dos territórios urbanos amazônicos ao transformar espaços cotidianos em objetos de reflexão simbólica, cultural e identitária. Ao articular práticas culturais situadas e ações de mediação simbólica, o projeto dialoga diretamente com modos de vida atravessados pela relação entre cidade, rio e território, reconhecendo que a cultura na Amazônia se constrói a partir de fluxos próprios, marcados pela convivência comunitária, se inserindo em uma lógica cultural que opera em um entremeio territorial que valoriza experiências cotidianas e saberes locais. A atuação do Porão evidencia, ainda, como espaços culturais independentes podem contribuir para tensionar a invisibilidade histórica dos sujeitos amazônicos, frequentemente reduzidos a representações genéricas ou romantizadas. Ao promover a circulação de livros, narrativas e memórias produzidas a partir da própria região, o projeto colabora para o reconhecimento de identidades múltiplas, construídas em contextos de hibridização cultural e de constantes trocas simbólicas. Essa perspectiva dialoga com a compreensão de que o ser amazônico não está isolado no tempo nem apartado das dinâmicas contemporâneas, mas participa ativamente de processos sociais amplos, ressignificando-os a partir de sua realidade específica.

Nesse cenário, a mediação cultural desempenhada pode ser compreendida como uma estratégia de fortalecimento do pertencimento e da participação social. As práticas promovidas pelo espaço criam condições para que sujeitos historicamente marginalizados ocupem posições de fala e de produção simbólica, rompendo com silêncios impostos por projetos externos que desconsideram a complexidade social da Amazônia. A relação entre cultura e território revela a importância de considerar as pequenas e médias cidades amazônicas, que abarcam entre 20 e 500 mil habitantes de acordo com o IBGE, como espaços vivos de produção cultural. Longe de serem locais de inércia, esses contextos abrigam dinâmicas próprias, nas quais tradições, memórias e experiências contemporâneas coexistem e se transformam. A circulação cultural promovida pelo projeto se insere nesse movimento, ativando redes locais e reafirmando a centralidade do cotidiano como espaço legítimo de criação e compartilhamento de sentidos.

Ao considerar o consumo cultural como prática simbólica situada, a pesquisa permite observar como os livros e as atividades culturais mediadas pelo Porão funcionam como dispositivos de encontro e de negociação identitária. Esses objetos e práticas não apenas circulam fisicamente entre diferentes espaços, mas carregam valores, afetos e narrativas que contribuem para a construção de uma memória coletiva amazônica. Desse modo, o consumo cultural, ainda que permeado pela lógica mercadológica, se aproxima de processos de produção de sentido ancorados nas experiências compartilhadas e no reconhecimento do outro.

Considerações finais

Assim, considera-se que, dentro de um grupo social, a produção estética e cultural exerce influência direta sobre a trajetória social e econômica deste mesmo grupo, em reconhecimento que abre espaço para múltiplas reflexões acerca do papel dessas manifestações na formação de dinâmicas coletivas, na geração de oportunidades e na ampliação do bem-estar social, evidenciando que práticas simbólicas possuem efeitos concretos sobre a vida material. Ao mesmo tempo, distintas percepções de temporalidade atravessam essas práticas: enquanto o ritmo associado à lógica econômica privilegia a aceleração, a mensuração e a linearidade, o tempo vivido no dia a dia mantém-se reiterativo e cíclico, próprio das tradições populares.

Esse compasso circular, historicamente marginalizado por projetos de Estado que buscaram uniformizar as experiências temporais em moldes controláveis e quantificáveis, revela formas de existência que resistem à padronização e afirmam modos singulares de organizar a vida coletiva. Essa perspectiva inicial evidencia a necessidade de compreender a interação entre o tempo cotidiano das comunidades e as manifestações culturais, torna-se possível refletir sobre como projetos culturais podem fortalecer laços comunitários, valorizar saberes tradicionais e fomentar desenvolvimento sustentável, estabelecendo um diálogo produtivo entre cultura, sociedade e economia.

Nesse horizonte, a experiência do Porão evidencia como essas práticas podem operar como mediações capazes de articular temporalidades distintas, saberes locais e dinâmicas urbanas contemporâneas. Ao mesclar espaço fixo e ações itinerantes, o Centro inscreve-se no cotidiano das comunidades, respeitando a sua memória ao mesmo tempo em que produz circulação simbólica e acesso a bens culturais de consumo. Essa atuação

reforça a compreensão da cultura não só como esfera simbólica, mas como prática material que reflete na vida social (Barbosa, 2004; 2006).

Referências

BARBERO, Jesús Martín. **La comunicación desde la cultura. Crisis de lo nacional y emergencia de lo popular.** Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, 1987.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. **Cultura, consumo e identidade.** FGV Editora, 2006.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade: uma história da alimentação.** Elsevier Brasil, 2017.

CASTELLS, Manuel. **La cuestión urbana.** México: Siglo XXI Editores, 1974.

DANIEL, Miller. **Consumo como cultura material.** Horizontes antropológicos, v. 13, p. 33-63, 2007.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica.** Uma poética do imaginário. Belém, 1995.

QUEIROZ, Antônia. **A biblioteca, uma organização sócio-cultural e instrumento a serviço da educação e cidadania.** Monografia (Especialização em Metodologia da Educação Superior) - Faculdade Batista Brasileira, 2006.

SILVA, Giovane; COSTA, Alda. **Esse rio é minha vida: o barco como forma comunicativa e cultural na Amazônia.** 2024.